

Coletando junto: Um estudo antropológico sobre as relações entre espécies a partir da coleta do Tucumã (*Astrocaryum aculeatum*)¹

Lais Maria Rodrigues Oliveira²

Palavras chaves: tucumã, agricultores, relações.

Introdução

Este trabalho trata-se de uma experimentação etnográfica fruto da elaboração de minha dissertação de mestrado em andamento pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas. Neste trabalho busco fazer um exercício de reflexão a partir de um breve campo realizado no mês de junho do ano de 2024 e algumas referências bibliográficas lidas durante o primeiro ano do mestrado.

Diversos estudos de Ecologia Histórica já têm mostrado que a floresta amazônica, longe de um ecossistema natural, é na verdade resultado de ações antrópicas de longa duração (Balée, 1998). Pesquisas na área de ecologia e botânica tem revelado que a Amazônia é palco de um dos maiores centros de domesticação do mundo (Clement et al, 2010), apresentando quase duas centenas de espécies com algum nível de domesticação, dentre elas a mandioca (*Manihot esculenta*), o açaí (*Euterpe oleracea*), a pupunha (*Bactris gasipae*), o ingá (*Inga edulis*), a pimenta (*Capsicum spp*), a castanha-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*), o cupuaçu (*Theobroma grandiflorum*), o umari (*Poraqueiba sericea*) e tantas outras conhecidas e ainda muito utilizadas e comercializadas pelas populações atuais.

Enquanto isso, no campo da antropologia, estudos também têm mostrado que a prática da coleta é muito mais que uma simples subtração de frutos, constituindo-se num requintado processo de manejo da floresta e processamento de produtos para fins alimentares e outros (Mendes dos Santos, 2016). As espécies citadas anteriormente são conhecidas e manejadas historicamente pelas populações amazônicas juntamente com aqueles oriundos da agricultura familiar, estão presentes ao longo do ano nas feiras de Manaus.

Durante minha trajetória acadêmica realizando pesquisa de iniciação científica durante a graduação me vi de encontro com diversas espécies sejam elas humanas ou não-humanas. Entre as espécies que conheci estão as plantas medicinais e plantas

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024).

² Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas, UFAM, AM.

* Agradeço imensamente a CAPES pelo financiamento da bolsa de mestrado, e ao apoio à esta viagem por meio da (CAPES PROAP) e (FAPEAM POSGRAD 2023-2024).

comestíveis, entre elas o tucumã. O Tucumã é o fruto da palmeira popularmente conhecida na região norte, no texto "Vocabulário de Frutas Comestíveis na Amazônia" aparecem pelo menos duas espécies do fruto, o Tucumã do Amazonas (*Astrocaryum aculeatum* Meyer ou também *A. tucuma*, Mart) e o Tucumã do Pará (*Astrocaryum vulgare*, Mart.). É comum encontrar o seu fruto sendo comercializado nas feiras da cidade de Manaus, ele é conhecido principalmente por ser um dos ingredientes presentes no lanche X-Caboquinho amplamente consumido no café da manhã e lanche da tarde dos habitantes da região norte. No entanto, o fruto do tucumã também é utilizado na fabricação de óleos por possuir alta quantidade de gordura entre outros fins.

Apesar de eu já fazer o consumo do tucumã, a semente do interesse ao tema de pesquisa só começou a ser germinada durante meu trabalho de campo para o Trabalho de Final de Curso em Ciências Sociais, em que eu trabalhava com agricultores orgânicos da feira da ASSINPA, a feira fica localizada na cidade de Manaus mas a comunidade localiza-se no município chamado de Rio Preto da Eva também no estado do Amazonas. Ao adentrar na mata com os agricultores pude observar outros sujeitos: os animais. Caminhando pela trilha foi visto diversos rastros de animais que dispersam frutos e sementes no meio da mata, também vimos o caminho de alguns animais. Além do consumo pelos humanos, o tucumã também é consumido pelos não-humanos, ele é fonte de alimento de animais silvestres como macaco, arara, paca, tatu e a cutia (*Dasyprocta*). Dentre esses animais a cutia possui destaque, porque ela é responsável por dispersar o tucumã, ela costuma enterrar as sementes para procurá-las depois e ao esquecer essas sementes acabam germinando (Shanley et al., 2005). A partir disso, busquei estreitar meu olhar para essas relações possíveis entre humanos e não-humanos.

(Re)conhecendo a espécie

O tucumã já é bem conhecido na região norte como citado anteriormente, apesar de ainda ser uma discussão relativamente “nova” no aspecto das ciências humanas a respeito do fruto, existem diversos trabalhos interessantes para pensarmos sobre essa espécie. O tema do tucumã tem sido visto em diversos trabalhos fora das ciências humanas. No texto “Avaliação das Características físicas, químicas e nutricionais dos óleos do tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) obtidos com CO₂ pressurizada”, a autora Barbara Elisabeth Costa Vasconcelos analisa dois tipos diferentes da espécie tucumã, mostrando as espécies mais conhecidas são o Tucumã do Pará e o Tucumã do Amazonas, contribuindo com a discussão sobre a diversidade que essa espécie possui.

Para além das características químicas, a autora afirma as diversas possibilidades dos usos do tucumã como em sorvetes, pizzas e na confecção de biojoias.

Estudos apontam que o tucumã comercializado até 2012 na cidade de Manaus era exportado de pelo menos 20 municípios do estado, entre os municípios mais citados estão: Rio Preto da Eva, Itacoatiara, Autazes e os da Bacia do Rio Madeira. E a sua comercialização se dava em três principais feiras da capital, a do Produtor, da Panair e da Manaus Moderna (Kieling, 2019).

Enquanto isso nas ciências humanas nas ciências humanas temos uma interessantíssima de dissertação mestrado defendida no ano de 2013 de Thais Helena Medeiros intitulada “Redes de sociabilidade e comércio na floresta: artesanias em palha de tucumã entrançam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA” em que buscou observar a partir da memória coletiva a transformação das elaborações das artesanias em palha de tucumã, olhando para a formação das redes de sociabilidades entre artesã(os) e seus artesanatos. Ainda falando de trabalhos feitos nas proximidades do Rio Arapiuns, Ana Carolina Vitorio Arantes defendeu sua tese de doutorado intitulada “Tecidos de tucumanzeiros e gentes: interações e mudanças na produção dos trançados do Arapiuns” no ano de 2022, o seu trabalho buscou analisar as mudanças na produção do artesanato, que segundo a autora atualmente é conhecido como Trançados do Arapiuns, buscando observar saberes, praticas em relação aos tucumãzeiros e na paisagem de comunidades na região do rio Arapiuns. Vale lembrar que os dois trabalhos muito se relacionam, as duas autoras fizeram o trabalho na mesma região mas em tempos diferentes, assim Ana Carolina Vitorio Arantes pode perceber as mudanças na paisagem que ainda não haviam ocorrido quando Thais Helena Medeiros fez o trabalho.

Ainda que os dois trabalhos citados anteriormente tenham sido realizados no estado do Pará, e mesmo havendo a possibilidade de tratar diferentes variedades de tucuma, eles são considerados de extrema importância o que se propõe nesta pesquisa nesta experiência etnográfica. Isso se deve principalmente à escassez de trabalhos que dialogam com a antropologia e que, de certa forma, dão visibilidade às relações que estamos interessados em observar. Relações estas que raramente recebem mais atenção em trabalhos de outras áreas em relação ao tucumã. Esses estudos nos mostram a possibilidade de reflexão e análise de outras relações possíveis entre humanos, não-humanos e os tucumanzeiros, convidando-nos para um diálogo que muitas vezes não encontramos nos trabalhos publicados. Mesmo que nos escritos de outras áreas não trazendo essa subjetividade, muitas vezes pelo próprio exercício da disciplina, esses

trabalhos contribuem para pensarmos outras possibilidades de falar sobre o tucumã, e também nos possibilita localizar onde esses produtores e vendedores se encontram.

Neste trabalho me propus, inspirada por Ingold (2000), sobre a possibilidade de contar histórias a partir da paisagem, evidenciando-a como algo inacabado e também pensando no que autora a Anna Tsing diz sobre ser relevante refletirmos sobre as diversas trajetórias que moldaram a paisagem, independentemente de serem originárias de seres humanos ou não, além disso ela chama a atenção para essas trajetórias convergentes, que compõem os ritmos polifônicos da paisagem, representando a interação de múltiplas histórias simultâneas. Refletindo com Tsing (2019), podemos entender que "a história refere-se aos rastros e sinais de humanos e não-humanos, a como estes criam paisagens" (Tsing, 2019, p. 94). Na próxima seção faço o exercício da tentativa de contar as histórias e trajetórias desses sujeitos com o tucumã.

De volta a comunidade

Como citado anteriormente, o município do Rio Preto da Eva é um dos principais fornecedores de Tucumã para a capital amazonense, no ano de 2022 realizei meu trabalho de campo no município mais especificamente no Ramal da Cachoeira (a 57 Km da capital) onde existe a Associação dos Agricultores da Comunidade São Francisco de Assis (AACSFSA) meu trabalho de campo durante a graduação foi nessa localidade e devido sua recorrência nas bibliografias sobre o tucumã deu-se continuidade ao trabalho no mesmo lugar. Atualmente a coordenadora da associação é Dona Maria Izabel, durante meus trabalhos na graduação ela foi uma das minhas principais interlocutoras, me hospedei em sua casa quando fui à comunidade na última vez. Neste trabalho irei apresentar narrativas que envolvam o tucumã (*Astrocaryum aculeatum*) no contexto do Sítio Belém que é a casa da agricultora onde mora ela, seu esposo Nilsinho e seu cunhado Nilson.

Dona Maria Izabel pode ser considerada até esse momento a minha principal interlocutora, ela que nasceu em Óbidos no Estado do Pará teve uma infância entre a vida na cidade e a vida rural, ela conta que com apenas 7 anos de idade entendeu que era filha de agricultores. Aos 16 anos, Dona Izabel se mudou para Manaus, já casada com o Sr. Nilsinho, ao chegar na cidade, foi morar no bairro da Aparecida, zona sul, e a partir desse deslocamento seu contato com o contexto rural diminuiu. Sua trajetória profissional iniciou como auxiliar de escritório e permaneceu neste emprego até o final dos anos 80. Devido a grande oportunidade de emprego na área industrial de Manaus,

Dona MI passou a trabalhar no polo industrial, permanecendo por 20 anos. Nesse tempo construiu sua família e teve três filhos.

Segundo Dona Maria Izabel, mesmo com a vida na cidade, desde a década de 80 ela e sua família já costumavam visitar a área rural a passeio, mas no ano de 2001 resolveram comprar um sítio no Ramal da Cachoeira. O motivo inicial da compra era somente para momentos de lazer, um lugar para visitar somente aos fins de semana. Essa era a dinâmica no sítio até o ano de 2005 quando ela e seu esposo decidiram mudar-se definitivamente para o sítio com o intuito de melhorar sua saúde mental e física, buscando também uma vida mais tranquila longe da cidade. Segundo ela, seu principal objetivo era “plantar para o consumo próprio” devido a alguns problemas de saúde que por conta da dependência de alimentos industrializados.

Antes de se mudar definitivamente para o sítio, ela contou que o local onde hoje é sua casa passou pelo que ela chama de "limpeza do terreno". O casal contratou uma pessoa específica para derrubar algumas árvores, e com a madeira dessas árvores, a casa da família foi construída. Ao relembrar sua chegada à comunidade, Dona Maria Izabel resgata em sua memória como era o local no início dos anos 2000, descrevendo as intervenções no ambiente embora naquele primeiro momento tenha sido de retirada de espécies hoje o sítio é um lugar repleto de frutíferas, plantas alimentícias não convencionais (PANCs) e outras espécies.

No sítio Belém

Era domingo, e eu esperei Dona Maria Izabel e o seu esposo na cidade do Rio Preto da Eva, eles me buscaram na feira principal da cidade, por volta das 15h chegamos no sítio Belém. Durante minha volta ao sítio Belém, a paisagem também atravessou minha memória. Atualmente o começo da estrada em direção ao Ramal da Cachoeira está diferente, ele foi asfaltado lembro-me em 2022 que o Sr. Nilsinho falou que estavam no projeto de asfaltar e assim aconteceu. O sítio também havia mudado, no ano da minha pesquisa de campo de TCC eu havia ajudado a plantar mudas de cacau no sítio e agora quase dois anos depois as mudas já estavam maiores modificando a memória da paisagem que eu tinha do sítio. Durante a noite, conversamos sobre diversas coisas do cotidiano, histórias antigas e da juventude do casal, entre essas conversas o tucumã aparecia seja sobre a expectativa de que ele começasse a cair ou outras coisas.

No dia seguinte, o sítio Belém receberia a visita da Equipe da Rede Maniva de Agroecologia que trabalha promovendo a agroecologia no Amazonas, durante essa

visita acompanhei junto com a equipe a verificação da “produção do sítio” que corresponde quais espécies estão presentes no sítio. Ao percorrermos o sítio, principalmente pela área mais próxima da casa podemos ver diferentes espécies vivendo juntas, frutíferas como cupuaçu, goiaba, fruta-pão, mamão, pés de amora. Também passamos pelas leiras de Dona Maria Isabel com as hortaliças, algumas medicinais e variedade de macaxeiras, ela também mostrou os seus adubos orgânicos que são feitos com os restos de frutas e verduras que comemos nas refeições do cotidiano.



Figura 1: Dona Maria Isabel mostrando o cacho de tucumã (Fonte: arquivo da autora, ano 2024)

O tucumanzeiro da imagem acima fica bem próximo de outras espécies, como é possível ver na imagem outras árvores e plantas também aparecem, mesmo que nesse momento o tucumã estivesse sendo o protagonista. Reforço essa característica por causa do modo de organização das plantas do sítio pois é contrário ao modelo do agronegócio, ainda parafraseando Tsing (2019) a lógica das plantations do agronegócio em que a condição de solidão é imposta sobre o crescimento das plantas, em que elas devem crescer sozinhas, longe da ajuda dos fungos da terra a contribuição deles é comprometida sendo substituída por fertilizantes. A autora critica o agronegócio e o sistema capitalista porque isolar as plantas resulta na dificuldade de participação de

mundos multiespécies. No sítio Belém não existe uma área do terreno específica só para as palmeiras de tucumã, elas ficam espalhadas perto de outras plantas.

. No momento em que estávamos presente no sítio, era considerada a entressafra do tucumã, algumas áreas de ocorrência de tucumãs não possuíam mais frutos, no entanto no sítio da Dona Maria Izabel havia este cacho para cair e foi por causa dele que ela me convidou para passar uns dias no sítio. A agricultora estava na expectativa para coletar os tucumãs pois devido a escassez do fruto nas feiras sabia que ao chegar na cidade para vender eles sairiam muito rápido.

Após a ida da equipe da Rema podemos conversar sobre conhecimentos da agricultura sobre os frutos do tucumã, pude então perceber que o seu sistema de conhecimento em relação ao tucumanzeiro mas também com outras plantas de seu sítio se baseia na convivência e interações para além dos tucumanzeiros e os humanos. A agricultora disse que não se recordava muito bem do contato com a espécie durante a infância, mas que com o tempo de trabalho no sítio ela já sabe dizer quais tipos de variedades de tucumã ela possui em seu terreno. De acordo com a Dona Maria Izabel e seu esposo existem em seu terreno pelo menos duas variedades de tucumã, entre eles Tucumã-arara e o tucumã de sangue de boi.

Após saber o nome das variedades de tucumãs em seu sítio, eles disseram que conseguiram essas variedades no primeiro momento comprando ou ganhando o fruto do tucumã para consumo alimentar, após comer o fruto eles guardavam o caroço e depois plantavam ou dispersavam pelo sítio. De acordo com Dona Maria Izabel os animais também fazem parte desse processo, e neste momento a cutia também tem papel importante na questão da plantação dos tucumãs, durante nossa presença no terreiro não vimos nenhuma cutia mas ela relatou que diversas vezes que ao ir verificar se havia ocorrido a queda dos tucumãs encontrou as cutias ou seus rastros, também se encontra os caroços ruídos por elas. A agricultora disse que ela é essencial na ajuda para a dispersão de novas sementes de fruteiras, ela cita o caso do tucumã, pois outras vezes ela leva os caroços para outras áreas do sítio.

Ao longo do tempo que os tucumanzeiros foram dando frutos, que levaram por volta dos sete anos, a agricultora iniciou uma seleção de espécies em que julgava melhor e mais saborosos, iniciou o seu processo de feitura de muda. Esse processo de acompanhamento de feitura das mudas irá ocorrer na próxima etapa desta pesquisa de mestrado em andamento. As características dada pelos agricultores é que o tucumã sangue de boi possui a polpa com uma de seu fruto uma cor mais avermelhada ou bem alaranjada.

De acordo com a agricultora a variedade que possui mais consumo e saída comercial é o tucumã-arara, perguntei como eles caracterizam o tucumã arara e diferenciavam das demais variedades, eles disseram que o tucumã-arara é “maçudo, possui mais carne” e Dona Maria Izabel disse que ele tem um “gosto temperado” ao possuir mais polpa, ele se torna mais atrativo para os consumidores. Mesmo com essa preferência, a outra variedade de tucumã não foi deixada de lado, pois a família também consome a outra variedade do tucumã.

Ao perguntar sobre a classificação dos tucumãs, questionei como eles fazem essa identificação, a agricultora respondeu "Quando você só olha para o cacho do tucumã, não é possível definir de cara qual é a variedade". Para ter certeza de qual variedade de tucumã se trata, é necessário esperar que o fruto caia. É possível perceber nesse momento a importância das qualidades sensoriais e a necessidade de interagir diretamente com o fruto para compreender qual variedade está sendo coletada. O esposo de dona Izabel pratica o exercício de tentar memorizar quais palmeiras e seus caminhos para localizar os melhores frutos, mas nem sempre é possível identificar a primeira vista. Após a queda deve-se pegar no fruto, perceber suas cores e as características da casca e após comer acontece a identificação da variedade fruto. Vale lembrar que próximo a casa a maioria dos tucumãs são da variedade nomeada por eles de arara, mas que dentro da mata existem outros pés que não foram identificados no momento da nossa conversa.

A retirada do cacho é feita pelo Sr. Nilsinho e pelo seu irmão, e é feita por meio de uma ferramenta parecida com uma foice no topo de uma vara bem alta, depois que é feita a retirada do cacho com uma faca bem amolada ela diz que é preciso debulhar com muito cuidado o cacho pois existem muitos espinhos. Após a derrubada do cacho, é importante ressaltar que o tucumã está maduro mas pode não estar “mole” o ideal descrito pela agricultora é que se deva lavar-los com água, depois colocar em um recipiente para escorrer a água e após isso ela coloca em um saco preto para descansar por pelo menos dois dias, após isso o tucumã estará bom para consumo e pois sua polpa estará mole.

Considerações finais:

A partir deste primeiro exercício etnográfico realizado no Sítio Belém, localizado no Município do Rio Preto da Eva, em colaboração com Dona Maria Izabel, e das leituras realizadas sobre o Tucumã (*Astrocaryum aculeatum*), neste contexto pode-se observar que os nomes os nomes populares dados para essa espécie variam

entre tucumã-arara e tucumã sangue de boi. No entanto, as características descritas indicam que o tucumã-arara corresponde ao Tucumã-do-Amazonas.

Além disso, foi revelado o sistema de classificação e identificação dos frutos de tucumã utilizados pelos agricultores, evidenciando a importância da interação desses seres para o conhecimento da espécie. Ao que se refere ao processo de propagação do tucumã pelo sítio, foi destacada não só a agência dos humanos mas também dos animais, conforme mencionado nas referências bibliográficas. No Sítio Belém, a cutia desempenha um papel importante na dispersão da espécie. Baseando-me nos relatos da agricultora, este trabalho não busca encerrar a discussão, mas sim pensar nas possibilidades e questões na construção da dissertação em andamento, preparando-me para futuros encontros possíveis.

Referências:

ARANTES, Ana Carolina Vitorio. **Tecidos de tucumãzeiros e gentes: interações e mudanças na produção dos trançados do Arapiuns**. 2022. 192 f. Tese (Doutorado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-graduação em Sociedade, Natureza e Desenvolvimento, Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/handle/123456789/823>.

BALÉE, W. **Advances in Historical Ecology**. New York: Columbia University Press, 1998, pp. 232–50.

CLEMENT, Charles R. et al. **Origin and domestication of native Amazonian crops**. Diversity, Basel, v.2, n.1, p.72-106, 2010.

COSTA, Barbara Elisabeth Teixeira. **Avaliação das Características Físicas, Químicas e Nutricionais dos Óleos de Tucumã (Astrocaryum aculeatum e Astrocaryum vulgare) Obtidos com CO2 Pressurizado**. 2010.

INGOLD, Tim. **Making things, growing plants, raising animals and bringing up children**. In: The perception of the environment: essays on livelihood, dwelling and skill. Psychology Press, 2000.

KIELING, A. **Cadeia do Tucumã comercializado em Manaus-AM**. Sci. Amaz., v. 8, p. 1-9, 2019.

MEDEIROS, T. **Redes de sociabilidade e comércio na floresta: artesanias em palha de tucumã entrelaçam grupos e vidas nas enseadas do Rio Arapiuns em Santarém/PA.** 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Manaus: [s.n.].

MENDES DOS SANTOS, G. **Plantas e parentelas: notas sobre a história da agricultura no Médio Purus.** In: SANTOS, G. M.; APARÍCIO, M. (Orgs.). *Redes Arawa: ensaios de etnologia do Médio Purus***. Manaus: Edua, 2016. p. 19-40.

SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel (Ed.). **Frutíferas e plantas úteis na vida amazônica.** Cifor, 2005.

TSING, Anna. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno.** Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.